

PRONUNCIAMENTO DO DESEMBARGADOR LUIZ AUDEBERT DELAGE FILHO NA CERIMÔNIA DE INAUGURAÇÃO DO RETRATO

Senhores magistrados, servidores e autoridades que nos honram com suas presenças,

Senhoras e Senhores,

Boa tarde!

Para iniciar a fala numa solenidade de inauguração de retrato, penso ser apropriada a menção ao grande poeta mineiro CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, em sua “CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO”, que termina com a célebre frase de que **“Itabira é apenas uma fotografia na parede”**. E logo depois, o poeta emenda: **“Mas como dói”**. Esse trecho sempre rendeu teorias e discussões. Uns afirmam que o poeta se desfez de sua cidade natal. Outros argumentam que é uma expressão saudosista. Sabemos que, durante anos, imperou a polêmica a respeito desses versos. Deixando de lado as diversas interpretações possíveis sobre o poema, penso que essa é uma das manifestações memorialísticas mais bonitas que já li. A imagem da cidade na parede remete a um passado morto, que não existe mais, mas que vive na lembrança de uma foto, de um instante cristalizado para sempre.

Penso ser cabível fazer, também, a propósito de *lembrança e esquecimento*, pequena citação de JOSÉ SARAMAGO, no texto de sua interessante e inusitada história do livro “VIAGEM DO ELEFANTE”, que narra a viagem do elefante chamado Salomão, que se encontrava em Belém, abandonado e malcheiroso, mas que antes fora celebrado e festejado, quando chegou de Goa, nos idos de 1551. O paquiderme fora dado de presente ao primo arquiduque da Áustria, Maximiliano II, pelo casal real Português, D.João III e sua mulher Catarina d’Áustria, levado em viagem de caravana por terra, durando meses a fio, até a chegada em Viena, depois de uma heróica travessia dos Alpes. E qual é a citação feita pelo magistral escritor? Diz ele: **“assim é a lei da vida: triunfo e esquecimento”**.

Ouso pensar ser passível de contestação a citação de SARAMAGO, pois nem sempre há esquecimento após o triunfo, principalmente adotando-se a conclusão sobre o poema de DRUMMOND, de que “podemos ser remetidos a um passado morto, que não existe mais, mas que vive na lembrança de uma foto, de um instante cristalizado para sempre.”

De qualquer modo, em tão relevante divergência sobre dois grandes nomes da literatura, só mesmo um outro ainda maior, o gênio GUIMARÃES ROSA para dirimir a controvérsia, e ele o faz magistralmente em Grande Sertão : Veredas, com apenas quatro palavras : **“o que lembro, tenho”**.

Recentemente, por ocasião da transmissão do cargo de Corregedor-Geral de Justiça ao colega Des. Antônio Sérvulo dos Santos, afirmei que há muito de sabedoria implícita nos mandatos públicos em uma democracia: seu período de vigência é previamente definido, o sucessor é eleito por maioria de votos e o antecessor deve prestar contas do que fez. Hoje, com especial alegria, já desfrutando do excelente ambiente de trabalho na 6ª Câmara Cível do Tribunal, tenho a honra de voltar à sede da nossa Corregedoria, na condição de ex-Corregedor-Geral de Justiça de nosso Estado para esta importante cerimônia que me deixa sobremaneira emocionado.

São muitos os retratos na parede. Eram trinta e seis (36) e hoje completamos o 37º. E, uma vez mais, recorro ao nosso grande Guimarães Rosa, buscando apoio em sua festejada “DECLARAÇÃO DE AMOR À MINEIRIDADE”, procurando analisar sua referência às regiões de Minas Gerais, agora para lembrar as regiões de onde vieram meus ilustres antecessores nessa galeria de retratos, muitos presentes a este ato. E começo pela Zona da Mata, já que sou, orgulhosamente, nascido naquela região, embora nunca tenha escondido meu amor pelo Setentrião Mineiro, especialmente pela bonita Pirapora, pelo Grande-Sertão, onde judiquei e pelos majestosos Rios São Francisco, Paracatu, Das Velhas, Urucuia e Carinhanha.

Então ouçamos Rosa no esmerado texto:

“É a Mata cismontana, molhada de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o Sul,

cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranqüilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo, avançado, forte, franco. É o Oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. E o Centro corográfico, do vale do Rio das Velhas, calcáreo, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão.”

Nasci em Juiz de Fora, no seio de uma família de franceses, num bairro que concentrava uma grande quantidade de colonos alemães imigrantes, no ano seguinte ao término da segunda guerra mundial.

O pai, orgulhoso pela chegada do primeiro filho homem, escolhe o próprio nome para o batismo: LUIZ AUDEBERT DELAGE FILHO.

De certa forma, o pai, filho de franceses, em meio a tantas famílias alemãs, iria, sem querer, impor ao menino uma grave e difícil responsabilidade: escrever e pronunciar corretamente o difícil nome de origem francesa, por toda a vida.

Mas o menino parecia dar conta da missão e foi escrevendo e soletrando seu difícil nome pela vida afora, passo a passo, até chegar a pontos tão altos, que ele próprio nunca pudera imaginar.

Teve uma infância feliz, com uma vida bastante livre, num bairro ainda com características rurais, embora próximo a área urbana.

A família numerosa não descuidava da educação, vigilante quanto a freqüência obrigatória à escola, que era do tipo rural mista até ao terceiro ano primário sendo concluído no Grupo Escolar Antônio Carlos, um dos

mais renomados de Juiz de Fora, além de ser mais próximo ao seu bairro de residência.

Terminado o primário, cursou também o ginásial, no Ginásio Mariano Procópio, no bairro do mesmo nome, educandário dirigido pelo saudoso Professor Afrânio Carvalho.

A fase seguinte foi o ensino médio, freqüentando a renomada ACADEMIA DE COMÉRCIO, (dos Padres do Verbo Divino) tendo concluído o curso técnico e se preparado para o ingresso na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ali, tendo sido aprovado no primeiro exame vestibular a que concorreu, no ano de 1967, concluiu o curso de Direito em 1973, tendo sido o orador de sua turma, já aprovado em concurso público para a carreira de Delegado de Polícia, na qual permaneceu até 1979, quando, ainda por concurso público de provas e títulos, ingressou na respeitada magistratura mineira, como Juiz de Direito, até chegar a Desembargador e Corregedor-Geral de Justiça.

Mas, intercalando sua vida de estudos, teve também sua história de trabalho, desde menino, já que não nascera em berço de ouro, e mesmo porque, pela orientação dos pais, o trabalho era indispensável para a boa formação e dignificação do ser humano.

E assim, teve seu primeiro trabalho formal em Juiz de Fora, em Empresa Comercial de grande porte, tendo sido também professor na área do ensino comercial, no SENAC. Foi Contador, e também cofundador de um Ginásio Comercial em bairro da cidade.

Seus estudos e seu trabalho, tiveram de ser compartilhados também com o Serviço Militar, que foi prestado cursando o NPOR - Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva - da Infantaria do Exército Brasileiro, em Juiz de Fora, sendo posteriormente, por breve período, convocado para o Serviço Ativo no Exército, como Oficial de Infantaria.

Em meio aos seus estudos e trabalhos múltiplos, conheceu Sonia Maria Alvim Andrade, então estudante e colega no curso de Direito da UFJF, em 1968, com quem veio a se casar em 1970.

O casal comemorará brevemente 45 anos de casamento, possuindo dois filhos: Luiz Audebert Andrade Delage, Cirurgiao-dentista, casado com Avacir Arcanjo Delage e Rodrigo Audebert Andrade Delage, Defensor Público em Minas Gerais e também festejado violeiro, casado com Patrícia Guercio Teixeira Delage. Tem, por enquanto, um único neto , Luiz Felipe Audebert Arcanjo Delage, hoje com 15 anos de idade.

Estes são alguns pequenos-longos trechos da vida de um homem feliz, realizado sob todos os aspectos, e que pode hoje proclamar: “ter combatido o bom combate e guardado a fé, não só em Deus, o Supremo Criador, mas também e principalmente nas suas criaturas, nas quais jamais se poderá perder a esperança.”

Não me deterei em detalhes sobre a minha carreira e gestão nesta Casa, mas gostaria especialmente de dizer o quanto foi importante bem escolher os companheiros de caminhada; que me ajudaram a evitar os perigos da estrada ou enfrentá-los quando inevitáveis; a construir pontes, edificar obras, talvez demolir algumas obsoletas e sem valor para dar lugar a outras mais adequadas e importantes para a coletividade; a alterar a rota quando necessário e, ao fim e ao cabo, poder olhar para trás e ter orgulho do caminho percorrido.

Agradecer é sempre necessário e quero fazê-lo às pessoas dos eminentes Juízes Auxiliares em minha gestão: Drs. Marco Antônio Feital Leite, Marcos Henrique Caldeira Brant, Sérgio André da Fonseca Xavier, Wilson Almeida Benevides, Gilson Soares Lemes, Adilon Cláver de Resende, Roberto Oliveira Araújo Silva, Wagner Sana Duarte Morais, Andréa Cristina de Miranda Costa e Marcelo Rodrigues Fioravante, e ainda aos que dela também participaram, ainda que não integralmente, Drs. Francisco Ricardo Sales Costa e José Maurício Cantarino Vilella. Dou meu testemunho de que desempenharam suas funções com dignidade, firmeza e brilhantismo. Mais do que auxiliares do ex-Corregedor que lhes fala, os senhores foram AMIGOS. Pela dedicação e pelo trabalho comprometido com a prestação do melhor serviço público, pelo apoio e lealdade irrestritos, pela amizade, só me resta dizer-lhes: muito obrigado!

Quero lembrar também, nesta oportunidade, o nome da ilustre Vice-Corregedora, Des^a Vanessa Verdolin Hudson Andrade e agradecer,

finalmente, a TODOS os eficientes e leais servidores da Corregedoria. A convivência com vocês tornou o fardo leve, a rotina suave e a colheita abundante. Para sempre os trarei no meu coração. Meu especial agradecimento aos servidores que mais diretamente comigo conviveram ao longo dos mais de dois anos de minha gestão, inclusive no excepcional trabalho na Secretaria de Apoio Administrativo do Colégio Permanente de Corregedores-Gerais dos Tribunais de Justiça do Brasil – CCOGE, que tive a honra de presidir.

Penso poder ainda, dizer que este momento de homenagem tem o condão de despertar em mim, por um lado, imensa satisfação pessoal e a certeza profunda de que cidadãos, autoridades e representantes do poder público ou mesmo da atividade privada, são plenamente dignos de reconhecimento pelos seus feitos e relevantes contribuições ao poder público.

Por outro lado, sinto no peito a mesma inquietude de quando, jovem estudante ainda, preocupava-me com as precárias condições de vida do povo brasileiro, como também certamente se preocuparam, cada um ao seu tempo, todos aqueles que me antecederam na direção desta Casa Correicional.

Não podendo, de maneira alguma, desconsiderar os avanços do estado democrático de direito; a crescente melhoria da gestão pública com a assimilação de novas tecnologias em prol de mais eficiência, sinto-me obrigado a revelar minha preocupação com as deficiências do serviço público em geral; com o sistema carcerário; com a saúde e a qualidade de vida do povo brasileiro e com a crescente insatisfação do cidadão que busca respostas para suas demandas e anseios.

Não gostaria, porém, que esta minha angústia fosse um mero exercício filosófico totalmente desprovido de efeitos reais. Desejo, sim, assumir por um momento, ainda que em solenidade mais voltada outros aspectos, o papel de lembrar aos nossos contemporâneos mais jovens e também as gerações vindouras de que, quando se trata de garantir tais direitos, é imensa a tarefa; árdua a missão; frustrantes, por vezes, os embates, mas – não duvidem jamais – é missão sagrada, profissão de fé e dever para com uma gente “que ri quando deveria chorar e já não vive, apenas aguenta”, como já cantou Milton Nascimento.

Fica aqui o meu último pedido a todos: continuem dando total apoio a esse paulista de nascimento e mineiro por adoção, o Corregedor-Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais, Desembargador ANTÔNIO SÉRVULO DOS SANTOS!

A escolha de sua pessoa para comandar a Corregedoria nos próximos dois anos já se mostra reconhecidamente acertada. Ganhou a Justiça mineira, ganhou a Corregedoria, ganharam os jurisdicionados!

Renovo os votos de BOA SORTE, caro amigo!

A todos, repito: MUITO OBRIGADO e ATÉ UM DIA!